

Memoria

Homenagem a John E. Exner, Jr.

DANILO R. SILVA¹

No passado dia 20 de Fevereiro, faleceu John E. Exner, Jr., o homem que, nos anos sessenta, meteu ombros à ingente tarefa de dotar o teste de Rorschach da credibilidade necessária à sua aceitação, entre os instrumentos de avaliação da personalidade mais reputados, isto é, torná-lo um instrumento estandardizado, preciso e válido. Foram cerca de quarenta anos de trabalho persistente, esforçado, perseverante, animoso, que proporcionaram progressivamente os frutos desejados e, muito para além disso, alargaram o conhecimento do instrumento e as suas possibilidades. Para quem conheça o estado em que, nos anos sessenta, se encontrava a avaliação psicológica –objecto de crítica violenta embora parcialmente de natureza ideológica –, e, em particular, as chamadas técnicas projectivas, com destaque para o Rorschach, a mais usada entre elas, o imenso, importante e bem sucedido trabalho desenvolvido por Exner e os colaboradores que a ele

se foram juntando, ao longo dos anos, não pode deixar de ser encarecido. Por isso e porque, nesta revista, se publicaram trabalhos de alguns dos seus seguidores, foi considerado justo prestar preito a alguém que, não só foi um grande homem da ciência psicológica, mas também alguém dotado das qualidades pessoais e de relação que tornaram possível tamanha e qualificada obra, hoje reconhecida e cultivada em grande parte do mundo.

Irei aqui destacar alguns dos aspectos que, em meu entender, tiveram grande importância para um melhor conhecimento do Rorschach e sua utilização. Um deles diz desde logo respeito à atitude que Exner tomou frente ao seu objecto de estudo. No intento de fazer do Rorschach o instrumento qualificado de avaliação da personalidade que pretendia, ele começou por colocar em suspenso a teoria da personalidade que assistiria à interpretação do protocolo obtido. Antes disso, era necessário assegurar-se de

1. Professor catedrático aposentado da Universidade de Lisboa

que esse protocolo era válido. Para sê-lo, impunha-se a observância de um método que possibilitasse a aplicação do instrumento, a codificação e a análise das respostas de forma padronizada e acabada. Depois impunha-se o estudo da sua precisão e validade. A investigação empreendida com este objectivo suscitou grande número de descobertas, de interrogações, de reflexões de que se referirão algumas.

O estímulo e a resposta

No âmbito dos estudos relacionados com o conhecimento do instrumento a utilizar, o campo do estímulo e da resposta assumem particular interesse, tendo-se verificado, designadamente, que, em situação experimental, o sujeito, seja ele sem queixa ou paciente, criança ou adulto, dá um número muito maior de respostas do que em situação de exame e num período de tempo mais curto, respostas que, note-se, não se ressentem na sua qualidade formal. Ao tentar descrever o processo de resposta, Exner recorre à teoria do processamento da informação que lhe permite diferenciar três momentos principais entre a apresentação do estímulo e a resposta: na primeira fase, o sujeito codifica e classifica o estímulo e suas partes de modo que as diversas formas se ordenam de alguma maneira; na segunda fase, algumas dessas formas ou respostas são postas de parte, porque se afastam bastante na ordenação ou porque são impedidas pela censura;

na terceira fase, dá-se a escolha de algumas respostas, em função das características pessoais do sujeito e/ou de certos estados que o afectam no momento.

Um elemento interessante respeitante à natureza da resposta traduz-se pela sua consideração na perspectiva de resolução de problemas e de tomada de decisão. Com efeito, quando, nas instruções de aplicação, se pergunta ao sujeito, entregando-lhe o Cartão nas mãos, *O que poderia ser isto?*, colocamos-lhe um problema, pois pedimos-lhe que indique alguma coisa que o Cartão não é. A solução consiste em encontrar, na memória a longo prazo, uma imagem que seja compatível com as exigências distais do borrão apresentado ou de parte dele. Após essa busca, tem lugar a decisão da resposta.

Os diversos estudos à volta da resposta aos borrões de tinta, conduziram à valorização do papel ou lugar do estímulo na produção das respostas. É certo que alguns destes trabalhos haviam sido empreendidos anteriormente, como é o caso do estudo do apelo ou da influência (*pull*) de cada borrão no tipo de localização, conteúdo e/ou determinante mais frequente (Klopfer, 1954, 320-327; Weiner, 1998, 96-103)). Estes estudos, porém, partem das respostas dadas. Exner interessa-se por saber o que há no estímulo que possa ser razão de tais respostas. Ele verificou, por exemplo, que a resposta “morcego”, no Cartão I, tem em conta o tom escuro do borrão,

embora tal dado não seja articulado na generalidade das respostas; que as respostas “caranguejo” e “aranha”, no D1 do Cartão X, são facilitadas pela cor azul dessa área. Muitos e diversos são os estudos que mostram o peso do estímulo na escolha das respostas e na própria expressão emocional nelas contidas. A existência de respostas Populares são a prova mais evidente disso, como o são, de resto, as respostas ditas de boa forma. É interessante notar que dos 5.018 itens que constituem a Tabela da Qualidade Formal, editada por Exner (2003), apenas 1.011 (21%) são codificados *o*, isto é, considerados com uma forma consensualmente reconhecida – vista por pelo menos 2% dos 9.500 indivíduos examinados –, 865 dos quais são respostas dadas nas localizações mais frequentes, *W* e *D*. Sem invalidar a ideia de que o número possível de respostas ao Rorschach é inesgotável, irrecusável se torna reconhecer que a grande maioria das respostas dadas tendem a centrar-se, não só em determinadas formas, mas também em determinadas áreas dotadas de traços distais mais nítidos. Este aspecto levou Exner a contestar, de forma consistente, a natureza projectiva do Rorschach. Quando surgiu, o Rorschach não teve qualquer teoria da personalidade de base. No entender daquele estudioso americano, a projecção pode ter lugar em alguma resposta, mas pode igualmente estar ausente de todo um protocolo, sem que por isso este deixe de ser válido. O sujeito pode manifestar as suas características pesso-

ais de muitas formas que não a projectiva. Invocando a sua concepção do processo de resposta, Exner refere as operações eminentemente cognitivas aí presentes, refere a escolha das respostas pelo sujeito, o que implica o silenciamento ou rejeição de outras de que nada se sabe, e salienta que a escolha das respostas é assistida por traços e estilos e também por estados cuja intensidade pode determinar mudanças no modo mais habitual de actuar. E comenta: “É impossível, à luz do presente estado do conhecimento do teste, formular discriminações exactas relativas a que palavras ou segmentos de verbalizações incluem projecção e quais não incluem. É possível que algumas palavras inseridas em respostas de movimento reflitam alguns elementos projectados, pois não há movimento no estímulo. Mas uma tal tradução deve ser precedida de grande cautela, pois os estilos ou traços de resposta poderiam favorecer uma maior tendência, em certos indivíduos, para classificar um objecto na perspectiva de movimento” (1986, p.52). Esta perspectiva encontra-se exposta de maneira mais simples, clara e sistemática na última edição deste mesmo volume (Exner, 2003, 183-185)

Precisão ou consistência temporal do Rorschach

Este foi um sector da investigação que se revelou particularmente fecundo. A grande novidade do trabalho empreendido e que permitiu estabele-

cer e afirmar a precisão do Rorschach reside em que o que está em causa, aqui, não é o conteúdo das respostas associado à memória, mas a dimensão estrutural, traduzida no tipo de localização, na qualidade do desenvolvimento, nos determinantes usados pelo sujeito. Numerosos foram os estudos de consistência temporal, com crianças e adultos, experimentando com diversos intervalos de teste-reteste, desde o de dias até ao de 12 meses ou três anos.

Para além da demonstração da realidade da precisão do Rorschach, estes estudos permitiram alcançar conhecimentos importantes sobre o funcionamento do teste. Assim, verificou-se que, entre as diversas variáveis do Rorschach, existem algumas que alcançam níveis elevados de precisão, outras níveis médios e ainda outras níveis baixos. Este dado foi interpretado como correspondendo a diferentes graus de estabilidade de qualidades pessoais: as variáveis com precisão mais elevada, de 0,80 e acima, correspondem às qualidades quase-permanentes, traços ou estilos de personalidade; as variáveis com precisão média podem ser consideradas como traços ou estados, em função da sua presença mais ou menos acusada no protocolo; as variáveis com baixa precisão são consideradas indicadoras da presença de estados mentais e/ou emocionais.

Um outro aspecto de suma importância que estes estudos permitiram

surpreender foi o de que a precisão do protocolo é condicionada pelo número de respostas. Provou-se que os protocolos com um número reduzido de respostas, treze ou menos respostas, têm reduzida precisão. Este facto determinou que, a não ser em casos específicos, tais protocolos não fossem considerados interpretativamente válidos e que deveriam ser sempre eliminados de trabalhos de investigação. Em regra, o protocolo válido tem de ter pelo menos 14 respostas.

A importância da precisão do ou dos protocolos de Rorschach assumiu tal valor que, actualmente, em certos sectores, não se aceitam, para publicação, estudos com utilização daquele método que não contenham informação sobre a precisão intra-cotador(es), salvaguardando-se deste modo o primeiro e fundamental momento da precisão.

A estandardização

Exner foi o primeiro sistematizador do Rorschach que considerou a necessidade do estabelecimento de dados normativos com base numa amostra representativa e estratificada de indivíduos sem queixa ou não-pacientes. Foi ele o primeiro a reunir as condições susceptíveis de indicar quais as características do protocolo normativo. Não foi sem consequências que quase toda a construção teórica elaborada à volta do Rorschach surgiu no âmbito do diagnóstico clínico e psiquiátrico. De ora em diante, o estabe-

lecimento fundamentado do significado das variáveis e respectivo peso ou importância, na interpretação, conta sempre com a referência específica e concreta aos dados normativos.

A aplicação do Rorschach, momento essencial determinante da validade do registo que o examinador irá obter, foi objecto de grande atenção e cuidado tendo em vista, não só a qualidade do produto, mas também a garantia da paridade dos protocolos recolhidos por diferentes examinadores. O mesmo se diga em relação ao esforço no sentido de lograr a codificação correcta dos protocolos, excelentemente servido com a recente publicação de um trabalho de D. Viglione (2002), empreendido com aquele objectivo.

Outros estudos têm a ver com o enriquecimentos dos dados que o SIR tem integrado, designadamente ao nível dos conteúdos, como os relacionados com as variáveis de Cooperação (*COP*) e Agressão (*AG*), ou com as respostas de conteúdo humano valoradas como Boa ou Má Representação Humana (*GHR* e *PHR*). O aparecimento progressivo de diversos Índices, constituídos por classes de variáveis, indicadores da presença de certa característica, o mais antigo dos quais é a Constelação de Suicídio (*S-Con*), cuja nota positiva requer atenção especial da parte do intérprete. Os restantes são o Índice de Percepção e Pensamento (*PTI*), o Índice de Depressão (*DEPI*), o Índice

de Défice de Confrontação (*CDI*), o Índice de Hipervigilância (*HVI*) e o Índice de Estilo Obsessivo (*OBS*). Registe-se que a admissão destes novos elementos no SIR são precedidos de longo trabalho de investigação que asseguram a sua validade, tendo sido em alguns casos revistos.

À medida que as principais fases do sistema tomavam consistência, outros aspectos importantes de composição da obra começaram a surgir, estes quase sempre frutos genuínos do trabalho de construção. Os finais da década de oitenta e toda a de noventa foram particularmente fecundos. É, então, que, como elemento essencial a todo o trabalho que estava e viria a ser desenvolvido se publica o livro sobre metodologia da investigação com o Rorschach (1995). Exner desejava que essa metodologia estivesse ao alcance de todo aquele que desejasse investigar com e sobre o Rorschach e, dessa forma, se corrigissem também alguns erros frequentemente cometidos nos estudos publicados. Foi a primeira obra do género vinda a lume onde, ao mesmo tempo, encontramos os nomes de quantos, durante anos, com ele aprenderam e trabalharam, trocando, partilhando, discutindo, prontos hoje para defender, consolidar e prosseguir a obra do mestre.

Uma novidade que culmina o esforço, sempre presente, de tornar o uso do Rorschach rigoroso e económico foi a respeitante ao modelo proposto de procedimento na interpreta-

ção de um protocolo. Mediante a técnica estatística de análise de classes (*clusters*), Exner logrou agrupar as múltiplas variáveis do Rorschach em sete classes assim designadas: características do afecto, capacidade de controlo e tolerância ao stresse, mediação cognitiva, ideação, processamento da informação, percepção interpessoal e percepção de si próprio. A estas sete classes juntou uma oitava designada de “stresse relacionado com a situação”, cujas variáveis não se relacionam necessariamente entre si, mas todas têm a ver com o stresse situacional. Uma tal classificação das variáveis constitui uma grande vantagem para a análise e interpretação de um protocolo, pois, além de permitir abordar amplos e cruciais sectores da organização e estrutura da personalidade, guia também o intérprete na análise completa e integradora do protocolo.

Novos estudos permitiram o estabelecimento de estratégias de estudo das classes referidas. No momento actual, o Sistema Integrativo do Rorschach (SIR) dispõe de uma táctica que indica qual a melhor sequência das classes de variáveis a seguir, na interpretação de um protocolo. Essa táctica proporciona doze variáveis-chave, ordenadas por grau de importância, a que correspondem outras tantas estratégias de ordenação das diferentes classes de variáveis a analisar. As duas ou três primeiras classes da sequência de sete antes referida têm a particularidade de fornecer a informação mais importante referente

às características psicológicas do indivíduo, aquelas que irão influenciar o modo como os demais traços se organizam e que são afinal os marcadores do funcionamento psicológico do sujeito. Resta acrescentar que as seis primeiras variáveis-chave, das doze estabelecidas, assinalam a presença de alguma forma de perturbação, ou de potencial de desorganização, e as seis últimas assinalam a presença de um estilo de personalidade básico.

No caso raro de nenhuma das doze variáveis-chave ser positiva, existe uma outra sequência de variáveis ditas terciárias, que também indicam qual a melhor ordenação das classes a seguir na análise e interpretação do protocolo. Em comparação com a primeira série, as variáveis terciárias não têm um tão alto poder preditivo.

No âmbito dos múltiplos estudos respeitantes ao significado, alcance e validade das variáveis, relações de variáveis e classes de variáveis introduzidas no sumário estrutural, novas propostas foram surgindo que se revelaram de grande importância. O reconhecimento de como certas variáveis-chave assinalavam a presença de perturbação e outras a presença de características de personalidade, responsáveis pela organização e funcionamento psicológico do sujeito, levou a que, por um lado, se apresentassem dados normativos diferenciados consoante certa variável ou característica fosse positiva, por outro, levou também a que, na interpretação, cada

classe de variáveis fosse abordada tendo em conta a positividade de algumas variáveis. Assim, na 4ª edição do primeiro volume do SIR (2003), os dados normativos de adultos começam por ser apresentados para a amostra total de não-pacientes, seguidos, depois, de três quadros normativos segundo a positividade de certas variáveis: um quadro de dados normativos para cada grupo de protocolos com diferente Tipo de Vivências, introversivo, extratensivo e ambigüal, e um quarto quadro que contempla os protocolos com *Lambda* alto. Por outro lado, a análise e interpretação de cada classe de variáveis é precedida da consideração do que se designa de pré-requisitos. Assim, por exemplo, a análise da classe “características do afecto” é precedida da consideração de se o protocolo tem ou não positivas as variáveis Índice de Depressão (*DEPI*), Índice de Défice de Confrontação (*CDI*), Tipo de Vivências (*EB*) e *Lambda* (*L*), pois os respectivos valores determinarão a diferente ponderação e interpretação das diversas variáveis que formam essa classe.

Se as quatro variáveis acima referidas foram reconhecidas de tal modo importantes que levaram ao estabelecimento de dados normativos diferenciados, outras três variáveis-chave foram igualmente consideradas cruciais a ponto de serem propostas como indicadoras de outros tantos estilos de personalidade: a variável

resposta de reflexo (*rF*, *Fr*), identificadora do estilo narcísico; a relação $p > a + I$, que identifica a predominância do traço de passividade; o Índice de Hipervigilância (*HVI*) positivo, que assinala o carácter cauteloso, avesso à proximidade de outrem.

Nos últimos anos da sua vida, Exner empreendeu o ingente trabalho de revisão e composição do Volume II do *Comprehensive System* cuja 3ª edição foi publicada na segunda metade de 2005. Para isso solicitou e contou com a colaboração de um dos seus discípulos, Philip Erdberg, que, já nos anos oitenta, o acompanhara num excelente capítulo de apresentação do SIR (Erdberg, 1984). Este volume, dedicado fundamentalmente à interpretação, como o indica o subtítulo *Advanced Interpretation*, apresenta dois momentos que desejo destacar: o primeiro, constante do Prefácio (pp. xiii-xv), diz respeito ao relato simples e sintético de como e com que objectivo surge a ideia do Sistema Integrativo do Rorschach, que mostra o contexto a um tempo científico, cordial, afectuoso e relacional que assistiu ao nascimento e tomada de decisão de levar por diante uma tarefa tão árdua quão enorme; o segundo constitui a publicação de um capítulo, o último, que contém quadros com as frequências e a localização, para cada Cartão, de todas as variáveis do Rorschach, desde as de localização às de conteúdo. Este capítulo constitui uma fonte excelente de informação

referente, por um lado, ao reconhecimento de algumas parcelas distais críticas (*critical distal bits*) mais potentes dos borrões e, por outro, proporciona um meio de identificar as respostas mais desviadas ou únicas (Exner, 2005). Ele insere-se também na linha da necessidade de um conhecimento tão completo e preciso dos borrões, que constituem o Rorschach, e na da afirmação do carácter perceptivo da resposta. Esta assenta, antes de

mais, no estímulo e suas propriedades distais e nas inclinações mentais do sujeito.

Exner deixa-nos um Rorschach amplamente estudado e tratado e caminhos abertos para prosseguir no seu estudo. Deixa-nos também um exemplo de dedicação firme, continuada, apaixonada mas lúcida a um trabalho onde sobressai o rigor científico, que não se compadeceu com concessões.

REFERÊNCIAS

- Erdberg, P., Exner, J. E. (1984) Rorschach Assessment. In G. Goldstein, M. Hersen (Eds.) *Handbook of Psychological Assessment*, Pergamon Press, pp.322-347)
- Exner, J. E. (1986) *The Rorschach A Comprehensive System Volume 1 Basic Foundations and Principles of Interpretation Fourth Edition*. New Jersey, John Wiley & Sons.
- Exner, J. E. (Ed.) (1995) *Issues and Methods in Rorschach Research*. Mahwah, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Exner, J. E. (2003) *The Rorschach A Comprehensive System Volume 1 Basic Foundations and Principles of Interpretation Fourth Edition*. New Jersey, John Wiley & Sons.
- Exner, J. E. (2005) *The Rorschach A Comprehensive System Volume 2 Advanced Interpretation 3rd Edition*. New Jersey, John Wiley & Sons.
- Klopfer, B., Ainsworth, M. D., Klopfer, W. G., Holt, R.R. (1954) *Rorschach Technique Volume I Technique and Theory*. New York, Harcourt, Brace & World, Inc.
- Viglione, D. J. (2002) *Rorschach Coding Solutions A Reference Guide for the Comprehensive System*. San Diego, California, California School of Professional Psychology, Alliant International University.
- Weiner, I. B. (1998). *Principles of Rorschach Interpretation*. Mahwah, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.